

Arte italiana no imediato pós-guerra: a reconstrução de uma identidade na Exposição de Arte Italiana Contemporânea (Novos de Milão) em 1946

Dunia Roquetti - Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas

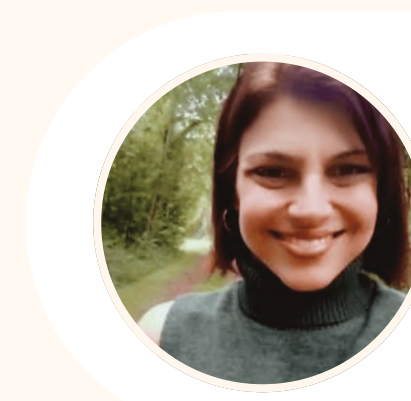
A *Exposição de Arte Italiana Contemporânea (Novos de Milão)* foi realizada no Brasil em 1946, com abertura em setembro no Rio de Janeiro, na sede da Associação Brasileira de Imprensa, e posterior itinerância para São Paulo, onde permaneceu de 16 a 31 de outubro na Galeria Itapetininga. Organizada por Giovanni Battista Ansoldi e Bassano Vaccarini, sob a égide da Academia de Brera, de Milão, e apresentada com o patrocínio da Embaixada da Itália, a mostra reuniu artistas italianos vinculados, em sua maioria, ao contexto milanês, entre os quais Renato Birolli, Bruno Cassinari, Ennio Morlotti, Giuseppe Migneco, Aligi Sassu, Giuseppe Santomaso, Mario Sironi e Umberto Lilloni, além do próprio Vaccarini.

Do ponto de vista histórico, a exposição inscreve-se nas primeiras iniciativas de rearticulação internacional da cultura italiana após a Segunda Guerra Mundial. O texto curatorial assinado por Ansoldi explicita que fatores de ordem política haviam limitado a circulação e o reconhecimento da arte italiana contemporânea no Brasil, situando 1946 como marco inaugural de um programa de exposições internacionais destinado a restabelecer vínculos culturais com outros países. Antes de chegar em solo nacional, a mostra já havia circulado por Londres, Varsóvia, Moscou, Nova York e Estocolmo, em uma ampla tentativa de atingir diferentes esferas de influência político-cultural: Europa ocidental, bloco soviético e atlântico.

A estrutura discursiva do catálogo organiza os artistas em torno de duas formações principais: os “Claros” e o grupo “Corrente”. Os primeiros, entre eles Umberto Lilloni, Francesco De Rocchi e Renato Vernizzi, são apresentados como responsáveis por uma reação à geração *novecentista*, defendendo uma pintura fundada na experiência direta da natureza, na recuperação poética da obra, da emoção do artista e na recusa de esquemas programáticos. Já os integrantes do “Corrente”, como Renato Birolli, Aligi Sassu, Giuseppe Migneco, Ennio Morlotti e Bassano Vaccarini, são caracterizados por uma orientação crítica que visa superar o regionalismo e afirmar a arte italiana como linguagem universal, distanciando-se das “megalomias” dos futuristas e da *fumisterie* (retórica mistificadora) dos novecentistas. Foram selecionados 21 artistas, 63 pinturas, 15 esculturas e inúmeros desenhos.

Particularmente significativo é o modo como o catálogo reinscreve trajetórias individuais de artistas novecentistas em uma narrativa de renovação coletiva. Artistas como Mario Sironi e Aldo Carpi, são integrados à mostra de forma despolitizada enquanto referências fundadoras da arte moderna. Os nomes mais jovens, por outro lado, são apresentados como protagonistas de uma nova sensibilidade, uma nova identidade. A ênfase em experiências recentes, incluindo obras que tematizam diretamente a guerra e suas consequências, como as séries “Milão destruída” de Vaccarini, introduz uma dimensão histórica que desestabiliza leituras formalistas do conjunto.

A presença de Bassano Vaccarini no Brasil desde julho de 1946, antecedendo a abertura da exposição, constitui um dado crucial. Sua atuação no meio artístico local, somada ao fato de ter participado da resistência italiana como partigiano, contribui para compreender a recepção da mostra, na qual os artistas foram frequentemente apresentados pela imprensa como “os artistas democráticos”. Essa qualificação revela a inscrição da exposição em um projeto de reconfiguração política da imagem italiana no exterior, no qual a arte contemporânea é mobilizada como linguagem de reconciliação, reposicionamento e pertencimento internacional.



Dunia Roquetti

Bolsista de Pós-Doutorado
Instituto de Artes, UNICAMP